

Aristóteles. De Anima

a. Introdução

1. a questão sobre o homem implica a questão sobre o composto alma/corpo, e essa, por sua vez, implica a questão sobre a substância;
2. substância (οὐσία) : matéria (ύλη), forma (μορφή/εἶδος) e sínolo (composto de matéria e forma); Reale. História da filosofia antiga. São Paulo: Loyola, 1994, vol. II, 352 – 58, principalmente 355 – 58;
3. matéria/forma = potência (δύναμις) /ato (ἐνέργεια/ ἐντελέχεια), Livro II, Capítulo 1, 412 a 6 – 11;
4. todo corpo natural que participa da vida é substância composta (sínolo); (...πάν σῶμα φυσικὸν μετέχον ζωῆς οὐσία ... συνθέτη), Livro II, Capítulo 1, 412 a 15 – 16;
5. o corpo é substrato (ὑποκείμενον) /matéria, pois é o ser substancial apto a receber determinações ou predicados, Livro II, Capítulo 1, 412 a 19;
6. a alma é a forma do corpo natural que, em potência, tem a vida. A substância como forma é enteléquia. A alma é, pois, enteléquia de tal corpo; (... τὴν ψυχὴν οὐσίαν εἶναι ὡς εἶδος σώματος φυσικοῦ δυνάμει ζῶν ἔχοντος. ἢ δ' οὐσία ἐντελέχεια. τοιούτου ἄρα σώματος ἐντελέχεια.); Livro II, Capítulo 1, 412 a 20 – 23;
7. se é necessário dizer algo comum a toda e qualquer alma, ela seria a primeira enteléquia do corpo natural orgânico (εἰ δὴ τι κοινόν ἐπὶ πάσης ψυχῆς δεῖ λέγειν, εἴη ἂν ἐντελέχεια ἡ πρώτη σώματος φυσικοῦ ὁργανικοῦ.); Livro II, Capítulo 1, 412 b 4 – 6;
8. a alma é a substância, segundo a determinação (κατὰ τὸν λόγον), Livro II, Capítulo 1, 412 b 10.

b. Alma vegetativa: a alma vegetativa é responsável pela geração, nutrição, pelo crescimento e pela reprodução dos seres vivos. A tese de Aristóteles: a natureza – o corpo apenas – não é suficiente para explicar todas essas atividades; Livro II, Capítulo 4, 415 a 22 – 415 b 21.

c. Alma sensitiva: Os animais possuem sensações, apetites e movimento. Destes três elementos, o básico é a sensação. Ora, o que é a sensação? A resposta lança mão da teoria aristotélica do ato e da potência.

As faculdades sensitivas estão na condição de potência, aptas para captar o objeto sensível. Passam, portanto, da condição de potência ao ato quando captam os objetos sensíveis, Livro II, Capítulo 5, 418 a 3 – 6. Essa primeira explicação do que é a sensação ainda é insuficiente. O que significa, então, o fato de que a faculdade sensitiva, em potência e inicialmente dessemelhante ao objeto sensível e em ato, torne-se semelhante ao objeto sensível?

O tornar-se semelhante ocorre mediante o fato de que a faculdade sensitiva capta a forma do objeto sensível, Livro II, Capítulo 12, 424 a 16 – 424 b 3.

A faculdade sensitiva (τὸ αἰσθητικόν), por sua vez, está na origem da faculdade desiderativa (τὸ ὀρεκτικόν): Livro II, Capítulo 3, 414 a 29 – 414 b 6. O desejo (ὄρεξις), produto da faculdade desiderativa, manifesta-se como apetite (ἐπιθυμία) na alma sensitiva, como impulso/ânimo/ira (θυμός) na alma nutritiva e como vontade/aspiração (βούλησις) na alma intelectiva; assim sendo, cada uma das três partes da alma possui desejo, Livro III, Capítulo 9, 432 a 22 – 432 b 7.

d. Alma racional: Assim como a alma sensitiva capta a forma sensível, a alma racional capta a forma inteligível. Assim, a faculdade perceptiva capta a cor da pele de um ser humano, ao passo que a faculdade intelectiva apreende sua forma inteligível, a alma e suas partes ou faculdades. A faculdade intelectiva, no entanto, não está misturada ao corpóreo como a alma sensitiva.

O intelecto (1) não é afetado (ἀπαθές, 15)– não possui forma para ser potencialmente capaz de receber as formas; também (2) não é misturado (ἀμιγῆ, 18) – portanto, não possui as qualidades do corpo: ser frio ou quente, por exemplo, e teria um órgão específico associado a ele; e não é destruído quando se atua sobre ele (3) um objeto perceptível muito intenso, como é o caso da faculdade perceptiva; tudo isto visa provar que a faculdade intelectiva não se esgota no corpo, Livro III, Capítulo 4, 429 a 10 – b 9.

Também lançando mão do par ato e potência, Aristóteles procura explicar a atividade intelectiva; o intelecto tem por tarefa trazer ao ato as formas inteligíveis que estão em potência na sensação e nas imagens, Livro III, Capítulo 5, 430 a 10 – 25.